
**CORPOS ENVELHECIDOS E PRECONCEITOS ETÁRIOS E DE GÊNERO NO
FILME AS GAROTAS DO CALENDÁRIO**

**AGED BODIES AND AGE AND GENDER PREJUDICE IN THE MOVIE
CALENDAR GIRLS**

Alcione Oliveira Silva¹
Rita de Cássia Pereira Farias²

RESUMO

O artigo trata de uma reflexão sobre o corpo envelhecido e os preconceitos etários e de gênero, bem como sobre as formas de se vencer os preconceitos, a partir do filme *As Garotas do Calendário*. Apesar das conquistas advindas do movimento feminista, ainda vivemos em uma sociedade bastante preconceituosa em relação ao feminino, principalmente quando se trata do corpo envelhecido, por não corresponder ao modelo hegemônico de beleza calcado na juventude. Baseado em fatos reais, o filme mostra que é possível vencer os preconceitos ainda vigentes acerca da mulher e do envelhecimento. As análises realizadas neste trabalho articulam as cenas e os discursos presentes no filme a referenciais teóricos sobre corpo e gênero.

Palavras-chave: Corpo. Velhice. Gênero. Filme As garotas do calendário.

ABSTRACT

The article deals with a reflection on the surrounding body and the gender and gender biases, as well as on how to sell prejudices, from the movie *Calendar Girls*. Despite the many achievements of the feminist struggle, we still live in a society that is quite prejudiced in relation to the feminine, especially when it comes to the body, because it does not correspond to the hegemonic model of beauty traced in youth. Based on real facts, the film shows that it is possible to overcome the prevailing prejudices about women and aging. As analyzes they articulate as scenes and the present discourses without film to the theoretical references on the body and the genre.

Keywords: Body. Aging. Gender. Movie Calendar girls.

¹ Graduada e Mestre em Economia Doméstica pela Universidade Federal de Viçosa.

² Doutora em Antropologia Social pela Universidade Estadual de Campinas. Professora do Departamento de Economia Doméstica da Universidade Federal de Viçosa.

1 INTRODUÇÃO

Embora a humanidade esteja no século XXI, tendo alcançado diversas leis que asseguram a cidadania dos idosos, ainda há conceitos e estereótipos negativos que desqualificam e inferiorizam a velhice. Apesar de o processo de envelhecimento ser algo inerente ao ser humano, envelhecer ainda é visto por uma parcela significativa da sociedade como sinônimo de doença, dor, abandono, solidão, inutilidade, desconsiderando-se que seja um processo natural, inevitável e irreversível.

Esses estereótipos e preconceitos se devem ao fato de que a partir da segunda metade do século XX, observa-se uma apologia à juventude, atrelada à exclusão da velhice. Dessa forma o processo de envelhecimento passa a ser discriminado e desvalorizado, muitas vezes sob influência de investimentos midiáticos que supervalorizam o ideal de beleza física e estética.

Se envelhecer, de uma maneira geral, é difícil, para a mulher pode ser ainda mais desconfortável, pois, as construções de gênero ligadas à beleza recaem sobre as mulheres com grande peso e continuam também na sua velhice. O envelhecimento afeta-as de forma diferente da dos homens, pois, enquanto a estética masculina é pouco afetada pelas transformações causadas pelo tempo, a feminina é mais afetada pelos padrões sociais de beleza.

Essa realidade revela a necessidade de se refletir sobre a forma como vem sendo feita a construção desses padrões, pois, para um corpo ser considerado velho, é preciso que esteja ligado a um referencial de juventude. As categorias sociais de juventude e velhice criam corpos baseados em identidades articuladas pelo gênero, interferindo nas relações humanas que são organizadas por valores que irão definir as mulheres a partir de seus corpos. Sob essa perspectiva, Navarro-Swain (2003) vê a velhice como uma representação social que polariza e hierarquiza o humano. Em uma sociedade que atribui tanto valor à beleza e à juventude, o envelhecimento pode se configurar em um processo excludente em que os corpos das mulheres, com o passar dos anos, decrescem em valor social.

Por outro lado, antropólogas, como Míriam Goldenberg e Guita Debert, têm um olhar positivo sobre a velhice feminina. Goldemberg (2013) cita exemplos de pessoas famosas (como Chico Buarque, Ney Matogrosso, Caetano Veloso e Rita Lee), e também pessoas anônimas que conseguiram envelhecer bem e, portanto, desfrutaram de um tempo produtivo em suas vidas. São pessoas que demonstram que envelhecer possui aspectos positivos e, por isso, influenciam a população no combate ao preconceito da velhice. Esses “novos velhos” fazem parte de uma

geração que não aceita rótulos ou cria seus próprios rótulos (roqueiros, tropicália, etc.). Além disso, eles não veem a velhice como “vovozinhos ou vovozinhas” deslocados e alheios às transformações sociais. Esses idosos, que descobriram seu lugar no mundo e se reinventam permanentemente influenciam gerações, transformam o comportamento e os valores, tornando a vida mais leve e a sexualidade mais livre e prazerosa.

Sobre pessoas anônimas que envelheceram bem, Farias, Oliveira e Saraiva (2016) mostram que idosos pobres, que frequentam um núcleo de convivência, realizaram árduos trabalhos em suas vidas, seja no âmbito doméstico ou em atividades rurais. Muitos deles, principalmente as mulheres, nunca tiveram salário e têm na aposentadoria a primeira oportunidade de ter uma renda própria. Assim, na velhice, eles se sentem mais autônomos e independentes e capazes de adquirir bens, viajar e alcançar conquistas e satisfação pessoal que ainda não tinham sido alcançadas quando eram jovens.

Em suas análises sobre um núcleo de convivência de idosos, Farias e Minó (2014) afirmam que esse espaço oferece condições para que os idosos realizem atividades que propiciem o desenvolvimento físico e mental, dando oportunidade para que os participantes possam resgatar suas memórias, relatar seus saberes, ampliar o leque de conhecimento e aumentar o convívio social, afirmando sua condição de cidadão e sujeito da sua própria história.

Em um sentido semelhante, Debert destaca o trabalho de gerontólogos em busca de redefinir a velhice, motivando que os idosos possam vive-la com autonomia e prazer:

A visão de que ela [a velhice] é resultado de um processo contínuo de perdas – decadência física e ausência de papéis sociais – é contestada pela gerontologia, que tem como alvo no Brasil um público cada vez mais jovem. O empenho de boa parte dos gerontólogos, especialmente aqueles voltados para um trabalho com a terceira idade, é redefinir os estágios mais avançados da vida como momentos propícios para novas conquistas, guiadas pela busca do prazer e da satisfação pessoal. As experiências vividas, os saberes acumulados são ganhos que oferecem oportunidades de um recomeço em que novas identidades podem ser exploradas de maneira criativa. (DEBERT, 2003, p. 154).

Em sua obra “A Reinvenção da Velhice”, Debert (2004) menciona que os estereótipos ligados à velhice geralmente reportam às etapas mais avançadas da vida, marcadas por doenças e dependência. Por outro lado, as novas imagens calcadas na velhice dinâmica revelam que o envelhecer constitui uma experiência heterogênea e que a doença física e o declínio mental podem ocorrer em qualquer estágio da vida e afetar pessoas de qualquer idade. A forma de se perceber a velhice permite a abertura de espaços em que é possível buscar a auto expressão e explorar identidades que antes eram exclusivas dos jovens.

Considerando as diversas formas de se viver a velhice, essa etapa da vida precisa ser relativizada e analisada em seus diferentes contextos, desvelando os processos de agenciamento dos idosos, visando romper com rótulos que desqualificam os sujeitos que possuem mais de 60 anos.

Nesse sentido, este artigo objetiva discutir, a partir do filme “As Garotas do Calendário”, sobre os preconceitos ligados à velhice e o agenciamento de um grupo de mulheres idosas, mostrando que cada idade tem a sua beleza e que a velhice pode ser vista como uma fase não só bela, como também dinâmica e prazerosa. Foram analisadas oito cenas do filme que retratam de forma clara o preconceito em relação ao corpo feminino velho.

O filme conta a história de duas amigas, Chris e Annie, que moram em Knapely, uma pequena cidade de costumes conservadores localizada no condado de Yorkshire, Inglaterra. Elas fazem parte de um grupo de senhoras, chamado *Women's Institute (WI)*, que se reúne mensalmente para a troca de habilidades tais como tricô, costura, culinária e artesanato. O clube tem por lema “esclarecimento, diversão e amizade”. Como as amigas consideram essas reuniões entediadas, devido à explanação de temas vistos por elas como inúteis e sem graça, durante a apresentação dos palestrantes convidados, elas têm dificuldade para segurar o riso.

Ao acompanhar o filho a uma oficina de conserto de bicicletas, Annie vê um calendário com mulheres seminuas. Como o último calendário confeccionado pelo WI havia rendido apenas um pouco mais de 70 libras, Annie tem a ideia de convidar as amigas para fazer um calendário visando arrecadar as 999 libras necessárias para comprar um sofá novo para o hospital onde John, marido de Annie, estava internado. Entretanto, em vez de fazerem um calendário com fotos de igrejas, propõe que seja com suas fotos nuas.

Assim que decidem fazer o calendário, as mulheres passam a se preocupar mais com a aparência de seu corpo. Uma vai para a academia, outra faz uma tatuagem, Annie começa uma dieta e Chris faz bronzamento artificial, o que mostra a percepção sobre a inadequação corporal diante dos padrões de beleza.

Elas contratam um fotógrafo profissional e, com as fotos prontas, descobrem que a produção de 500 calendários ficaria muito cara. Portanto, vão em busca de patrocínio. Os esforços culminam na conquista do patrocínio, bem como na aprovação da divulgação do calendário pela presidente do *Women's Institute* e também da presidente do Comitê Nacional.

Apesar de enfrentarem preconceitos dos filhos, maridos e da sociedade, o calendário faz muito sucesso. As fotos do calendário saem no jornal *The Telegraph* e a cidade é tomada por carros e pessoas da imprensa. As modelos recebem um convite para irem à Hollywood, viajando

na primeira classe de um avião, e são recebidas por uma limusine, sendo levadas a um hotel luxuoso, onde ficam hospedadas.

Ao voltarem para a Inglaterra, onde são recebidas com aplausos e muita alegria pelas companheiras do *Women's Institute*. Durante a reunião, a presidente diz que o calendário possibilitou arrecadar um total de 578.000 libras, o que possibilitou não só a compra de um novo sofá, mas a construção de uma nova unidade para tratamento de leucemia no hospital local.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Embora não exista uma metodologia universalmente aceita para se proceder à análise de um filme, seguiu-se, neste artigo, os pressupostos de Penafria (2009), que enfatiza a possibilidade de se fazer uma análise do conteúdo de um filme na forma de um relato. Nesse processo, a autora propõe fazer o resumo da obra e depois executar a análise textual, que exige sua decomposição para ater-se à sua estrutura, ressaltando os principais momentos identificados na obra. “*O objetivo da análise é, então, o de explicar/esclarecer o funcionamento de um determinado filme e propor-lhe uma interpretação*” (p.1).

A análise fílmica é um recurso metodológico que permite discutir conteúdos estruturantes da vida social. Alves (2010) defende que “através da análise da forma e do sentido do filme, procura-se apreender sugestões heurísticas interessantes capazes de propiciar uma consciência crítica da sociedade global”. Sendo assim, o filme é abordado como um texto para reflexão, que contém elementos significativos que representam determinados traços da vida social concreta.

As garotas do calendário é uma produção inglesa da Touchstone Pictures, lançado em 2004, com 104 minutos de duração, desenvolvida sob a direção de Nigel Cole, com roteiro de Juliette Towhidi. O elenco do filme é composto Helen Mirren, Julie Walters, John Alderton, Linda Bassett, Annette Crosbie, Ciarán Hinds, Celia Imrie e Geraldine James. Baseado em fatos reais, a comédia permite discutir sobre preconceitos etários e de gênero, algo bastante comum na nossa sociedade, como também possibilita refletir sobre formas de se vencer os preconceitos.

As análises foram apresentadas em três tópicos: construções de gênero e o ideal da mulher submissa; preconceito em relação às mulheres velhas; e a beleza da velhice.

3 CONSTRUÇÕES DE GÊNERO E O IDEAL DA MULHER SUBMISSA

No início do século XXI, a velhice tornou-se exposta pela mídia e pela sociedade de uma forma mais eufêmica sendo nominada por “terceira idade”, “melhor idade” e até mesmo de “feliz idade”. Esses eufemismos nada mais fazem do que maquiar a velhice, dando a ela a falsa ideia de que força, felicidade e poder estão ligados somente à juventude, tornando a senescência, mesmo que de forma não explícita, algo que continua a ser negado, chegando a ser uma violência psicológica às pessoas que ultrapassaram os 60 anos.

Minayo *et al.* (2002, p. 129) defendem que além de uma fase biológica, o envelhecimento pode apresentar diferentes construções de acordo com as expectativas de papéis sociais do grupo, com as relações de poder e os conflitos cotidianos, podendo, inclusive, levar a situações de readaptação, inversão de valores ou até mesmo à exclusão.

Uchoa *et al.* (2002) mencionam que a visão depreciativa em relação aos idosos tem sido alimentada nos tempos modernos pela ideologia da beleza e da juventude, como também pela visão produtivista que sustentou a sociedade capitalista industrial, em que, se uma pessoa não é capaz de trabalhar e de ter renda própria, de pouco ou nada serve para sua comunidade ou seu país.

Além dos preconceitos ligados à exclusão dos idosos na população economicamente produtiva, a velhice é marcadamente distinta de acordo com gênero: a velhice masculina é estigmatizada pela queda da virilidade, enquanto a feminina é depreciada pela perda do vigor corporal. Conforme Haraway,

Gênero é um conceito desenvolvido para contestar a naturalização da diferença sexual em múltiplas arenas de luta. A teoria e a prática feminista em torno de gênero buscam explicar e transformar sistemas históricos de diferença sexual nos quais “homens” e “mulheres” são socialmente constituídos e posicionados em relações de hierarquia e antagonismo. (HARAWAY, 2004, p. 211)

Em função das construções de gênero em uma sociedade que traz resquícios dos tempos patriarcais, ser mulher velha pode implicar em um peso muito grande. Apesar de todas as conquistas advindas da luta feminista, a reprodução da dominação masculina sobre as mulheres e o preconceito em relação ao corpo envelhecido permanecem. Esses aspectos podem ser verificados em algumas cenas do filme *As Garotas do Calendário* que apontam a permanência de valores tradicionais que contribuem para manter a dominação masculina, indicando que ainda há um longo caminho a ser percorrido na luta pela emancipação feminina.

Confirmando as tradicionais construções de gênero, no filme em análise, o *Women's Institute* passa para as mulheres a ideia de que precisam ter um bom desempenho como mães, esposas e donas de casas, disseminando o ideal da mulher submissa. Como parte desse processo, há uma programação na agenda do instituto de uma palestra sobre várias formas de se confeccionar tapetes, naturalizando as construções do feminino atado à domesticidade, o que Betty Friedan (1971) chamou de “Mística feminina”.

Visando romper com a tradicional visão de que a felicidade feminina deve estar atrelada à busca por atender aos desejos e necessidades dos homens, o conceito de gênero surgiu para desnaturalizar os papéis e as identidades atribuídos ao homem e à mulher, diferenciando sexo do gênero, sendo o primeiro a dimensão biológica dos seres humanos representada pelo que é natural e o segundo um produto social e histórico que é continuamente construído e reconstruído. Assim, os conteúdos que são atribuídos à oposição masculino/feminino não decorrem exclusivamente da dimensão biológica dos seres humanos, mas varia de acordo com a cultura, podendo ser transformados por ela (GOLDENBERG, 1999, p. 159).

Gênero, visto como um meio de reafirmar a diferença sexual que está atrelada ao sentido biológico, passou a ser compreendido como uma construção social e histórica gerada a partir do sexo. Nesse processo, o sexo é utilizado para a construção dos diferentes papéis sociais de cada um, caracterizando o “gênero” (CRUZ *et al.*, 2012).

Apesar das construções hegemônica do gênero, Eccel e Grisci (2011 *apud* Carrieri, 2016) alegam que a ordem de gênero global e patriarcal pode ser contestada ao se observar traços de masculinidade em mulheres e de feminilidade em homens, gerando questionamentos acerca das relações de poder e dominação dos estereótipos masculinos que, além de desvalorizar o diferente, demarcam os ideais de masculinidade, desqualificando tudo que não se enquadra nesses ideais.

Como parte desse processo de desconstrução, Badinter afirma que

[...] a masculinidade precisa ser construída e conquistada, com intuito de provar que ela não é natural quanto se pretende. [...] a identidade masculina se adquire à custa de grandes sacrifícios que incluem ritos de passagem, suportando dor e humilhação. [...] a masculinidade define-se principalmente através da afirmação da heterossexualidade, da negação do que é propriamente feminino, da homofonia e da dominação sobre as mulheres. (BADINTER, 1998, p.191)

Na relação social hierárquica em que a diferença sexual dá aos homens poder ideológico, político e econômico sobre as mulheres, visando realçar sua superioridade, os homens buscam

fragilizar e enfraquecer as mulheres para se sentirem mais dominadores, mas sexo forte (FREYRE, 2003). Nessa relação, as mulheres são vistas como delicadas pelos homens, que devem defendê-las por razão de sua fragilidade.

Como parte dos discursos que afirmam o que vem a ser o feminino, frequentemente a fragilidade das mulheres é evocada mediante a comparação com flores. Exemplo disso é que no filme, o marido de Annie, que era floricultor e antes de morrer escreveu um discurso para ser lido no WI, onde ele sabia que não poderia ir, devido à doença, atendendo a um pedido da esposa:

As flores de Yorkshire são como as mulheres de Yorkshire, cada etapa do crescimento delas é mais bonita que a anterior, mas a última fase é sempre a mais gloriosa. Então muito rapidamente elas produzem sementes. O que torna irônico que minha flor favorita não tenha origem nas ilhas inglesas, quanto mais no condado de Yorkshire. Não creio que exista algo neste planeta que proclame mais a vida do que o girassol. Para mim, isso deve a razão por trás de seu nome. Não por se parecerem com o sol, mas sim porque seguem o sol durante o curso do dia. A sua cabeça segue o caminho do sol através do céu. Um satélite para a luz do sol. Onde a luz estiver, mesmo fraca, estas flores a encontrarão. E é uma coisa tão admirável! E uma lição de vida e tanto.

Esta fala traduz o pensamento de homens que nasceram e cresceram em um mundo permeado por ideais machistas com tradições patriarcais, pois mesmo sabendo que estava prestes a morrer de leucemia, o marido de Annie, que amava a sua esposa, compara ela e todas as mulheres do lugar onde morava a flores: plantas bonitas, cheirosas, atraentes, porém frágeis, ou seja, todas são portadoras de características atribuídas ao feminino. Em vez de destacar a coragem e bravura das mulheres, ele destaca sua beleza e meiguice, apontando as contradições sociais que permeiam a humanidade, mesmo diante de tantas lutas que trouxeram importantes conquistas.

PRECONCEITO EM RELAÇÃO ÀS MULHERES VELHAS

O preconceito em relação às pessoas velhas também é evidenciado no filme. Numa cena, Annie foi buscar na loja a foto que tirou sem sutiã e encontrou as atendentes rindo de sua foto. Ali, o preconceito em relação às pessoas velhas está presente no comportamento dos jovens, de ambos os sexos. Para evitar esse constrangimento, em uma conversa com as amigas, ela resolveu contratar um fotógrafo profissional, mas teve dificuldades em encontrar alguém disposto a fotografar senhoras nuas.

Segundo Veras (1999) e Uchôa (2003), diferentes experiências com o envelhecer são percebidas em tipos diferentes de culturas e demonstram que a ideia de deterioração e perdas, disseminada pela cultura ocidental, contribui para que o envelhecimento tenha uma conotação que vai além dos fenômenos biológicos e naturais, pois é resultado de um processo social.

Dentro do imaginário social, o envelhecimento é um processo referente à marcação da idade como algo relativo à natureza e que é exteriorizado como desgaste, limitações e perdas físicas e de papéis sociais, em uma trajetória, cujo desfecho é a morte (MINAYO *et al.*, 2002, p. 41). Como consequência,

[...] as perdas são tratadas principalmente como problemas de saúde, expressos em grande parte na aparência do corpo, pelo sentimento em relação a ele e ao que lhe acontece: enrugamento, encolhimento, descolorimento dos cabelos, “enfeimento”, reflexos mais lentos, menos agilidade... Mas são expressos muito mais pelos outros do que pelos próprios velhos. (MINAYO *et al.*, 2002, p. 41).

O ciclo biológico do ser humano é semelhante ao de todo ser vivo, ou seja, todos nascem, crescem e morrem, mas as múltiplas etapas da vida são construídas socialmente e culturalmente. As diversas sociedades constroem práticas e representações diferenciadas sobre a velhice, indicando a posição social que ela deve ocupar em uma comunidade ou nas famílias e qual o tipo de tratamento será dispensado aos velhos pelos mais jovens. Portanto, para se entender o lugar social dos idosos, primeiro é necessário compreender como a sociedade organiza a estrutura, as funções e os papéis de cada grupo etário de uma forma específica (MINAYO *et al.*, 2002, p. 14-15). Sendo assim, a manipulação de categorias etárias exige um investimento político de definição de poderes para cada ciclo da vida para estabelecer direitos, deveres e privilégios (BOURDIEU, 1983 *apud* MINAYO *et al.*, 2002, p. 15).

A infância, a adolescência, a vida adulta e a velhice não são propriedades que os indivíduos adquirem com o avanço da idade cronológica, ao contrário, o processo biológico é real e pode ser percebido por sinais externos do corpo e é elaborado simbolicamente através de rituais que nas fronteiras etárias dão um sentido político e organizador do sistema social (MINAYO *et al.*, 2002).

No filme analisado, a reprodução dos preconceitos relacionados ao mundo feminino é nítida na fala de Knapely, presidente do WI, ao descobrir a ideia da confecção do calendário:

Alguém tem alguma proposta para buscarmos aprovação do Comitê Nacional? Não queremos fazer nada sem a aprovação do Comitê, pois temos uma reputação irrepreensível! E seria necessário apenas um pequeno ato de alguns vagabundos individuais para arruinar a reputação que construímos todos esses anos!

A reprodução dos preconceitos nessa fala mostra que, para se compreender gênero, utilizam-se de dois aspectos principais: a contemplação da construção dos diferentes atributos entendidos tradicionalmente como masculino e feminino e a reflexão da concepção desses atributos no cotidiano de homens e mulheres, em sua reprodução e manutenção do modelo hegemônico de sexualidade. Ao se lançar mão da vivência à luz das reflexões de gênero, cria-se um modo particular de questionar a cultura fundante e de contribuir para que se possa organizar de forma diferente o mundo do trabalho, da família, os valores e as normas existentes, levando-se ao questionamento da estrutura social sexualmente hierarquizada e fundamentada por binarismos de conduta da vida social, tais como: certo/errado, moral/ímor, verdade/mentira e bom/mal; reprodutores de desigualdades, discriminação e exclusão (BATISTA *et al.*, 2004, p. 11).

Quando decidem fazer o calendário, as mulheres começaram a buscar maneiras de melhorar a aparência de seus corpos. Percebe-se nessa passagem que elas ficam empolgadas com a ideia de fazerem fotos nuas, mas a preocupação com a aparência demonstra como os padrões de beleza ditados pela sociedade são fortes e influenciam as pessoas de diferentes maneiras. Como afirma Monteiro (2008), a beleza está ligada ao contexto em que se vive, sendo difícil estabelecer um conceito para ela. Para alguns, ela é tida como imitação da natureza, para outros, como simetria entre as partes ou harmonia entre as coisas, ou seja, o que vai além do bem e do mal. Sendo um objeto de satisfação, a beleza é uma perfeição ligada ao bem, “divina proporção, o verdadeiro e o justo, ordem e medida ideal” (p. 22-23).

O autor menciona que vivemos atualmente na era da beleza, na qual é muito fácil retocar o corpo para alcançar aquilo que o modelo de beleza exige. A indústria cosmética fornece as máscaras de acordo com o gosto de cada um e a computação gráfica pode transformar o corpo humano em uma imagem que se deseja. Faz-se de tudo para adquirir uma aparência compatível com as normas vigentes de estética pois, quem não se adapta, estará sujeito a olhares cínicos e excludentes. “Se o feio é aquilo que desagrade – e ninguém quer desagradar -, então é necessário pagar o alto preço da beleza simulada” (MONTEIRO, 2008, p. 17).

Como os indicadores de beleza são diferentes para o feminino e o masculino, no filme, enquanto as mulheres fazem as fotos, seus maridos se reúnem em um bar e ficam bastante apreensivos enquanto esperam. Essa cena mostra como o sentimento de virilidade e de posse está atrelado ao masculino. Com suas esposas fazendo fotos para um calendário em que mostrarão seus corpos nus, mesmo sendo por uma boa causa, os maridos vêm nisso motivo de

preocupação e nervosismo. Conforme Carrieri (2016, p. 13), as representações de masculinidade vão além da realidade social, pois a partir de representações criadas e divulgadas pela mídia, as práticas de homens e mulheres acabam sendo estimuladas e contaminadas por essa divulgação, no âmbito organizacional.

Ao abordar a “domesticação das mulheres”, Rubin (1975) menciona que no processo de troca ocorrida nos sistemas de parentesco, as fêmeas são controladas pelos homens e utilizadas como matéria bruta na produção social da coletividade. Assim, a autora considera que o sistema sexo-gênero consiste em relações sociais no qual a sexualidade biológica é transformada em produtos da atividade humana em que as necessidades sexuais são específicas e satisfeitas, por isso mesmo, resultantes desse sistema.

Nas sociedades de origem patriarcal, uma das práticas dos homens tem sido, muitas vezes, a utilização das mulheres como mercadoria. Sendo assim, com o passar dos anos, essa “mercadoria” perde seu valor ao se tornar velha. No filme, pode-se perceber essa situação em uma fala de um repórter na televisão: “*A meia idade não lhes tira a primavera e agora estas mulheres ocupam as manchetes dos jornais do Norte (...)*. Chris diz que seus maridos nunca mais vão olhar para suas esposas do mesmo jeito. Nem os outros membros daquela pequena comunidade.

Quando não conseguem mais realizar o que conseguiam na juventude, muitas pessoas passam a se sentir feias e inúteis. Elas sentem que perderam o reconhecimento dos outros e não encontram motivação para viver. Sem motivação, podem parar de criar laços de relacionamento e deixar de se arrumar, descuidando da aparência (PIRES e SILVA, 2001 *apud* SCHIMIDT e SILVA, 2011) Conforme Monteiro (2008), o velho é visto como feio “porque é visto como sinônimo de desproporção, assimetria, desarmonia, desordem física e inutilidade” (p. 35).

Estudos de diferentes sociedades mostram que homens e mulheres têm papéis diferentes em culturas diferentes e, no interior de cada uma delas, variando com o período e as condições da história em que vivem. Assim, dentro de uma sociedade, as relações entre as pessoas são orientadas por ideias, modelos e valores do que é ser masculino e feminino (FIGUEIREDO, 2007, p. 15).

Dessa forma, o conceito de gênero possibilita compreender que as desigualdades de ordem econômica, social e política entre homens e mulheres não resultam somente de suas diferenças biológicas, mas são provenientes de construções feitas a partir das relações sociais,

ou melhor, das relações entre pessoas e delas com a natureza, acompanhado o desenvolvimento existente em cada sociedade.

Como parte dessas construções hegemônicas, o corpo envelhecido precisa ficar escondido, pois a sociedade divulga uma ideia de velhice feia, atrelada a ausência de sexualidade. Como resultado dessas construções, no filme *As Garotas do calendário*, o filho adolescente da Chris não suporta o *bullying* de seus colegas sobre a nudez de sua mãe no calendário e se envolve com drogas, chegando mesmo a ser preso. Conforme Bourdieu (2007), o conjunto de corpos “generificados” é uma construção e uma interpretação política e cultural dos corpos que são biologicamente estabelecidos. Assim, a partir dos pressupostos de que o corpo é mais do que o depositário das marcas infligidas pelo gênero, chega-se à compreensão de que ele ultrapassa as características superficiais e prossegue marcado por seu caráter singular e dinâmico, embora seja construído de forma contingencial à cultura e às dinâmicas sociais.

A desvalorização do corpo velho faz parte da dinâmica do capitalismo que valoriza o individualismo e a juventude, exaltando um padrão corporal branco, magro e jovem. Diante desse padrão, a indústria da beleza cria diversas estratégias para se alcançar o corpo ideal que exige um constante aperfeiçoamento e disciplinamento dos indivíduos para serem inseridos na sociedade e escaparem dos estereótipos que envolvem aqueles que não se inserem no padrão corporal. As marcas impostas ao corpo, indicativos de masculinidade e feminilidade, impactam nas identidades do sujeito e operam jogos de poder que sustentam a dominação e a exclusão. Dessa forma,

[...] mesmo que o modelo da masculinidade hegemônica não esteja acessível a todos os homens, ela continua sendo apoiada e pulverizada também por aqueles que não possuem as características requeridas por esse ideal. Essa difusão contínua, portanto, promovendo a manutenção dos privilégios de gênero. (ECCEL e GRISCI, 2011 *apud* CARRIERI, 2016, p. 6)

A sobreposição social de uma cultura predominantemente fálica de gênero possui um caráter estrutural que envolve normas estereotipadas. Assim, mesmo sendo coexistentes, as identidades de gênero remetem a relações de conflito, sendo necessário que se desenvolva uma capacidade de desvelar os signos mais sutis que levam às formas sociais tradicionalmente estabelecidas para que se chegue de fato a compreender essas identidades (MATOS, 2000 *apud* CARRIERI, 2016).

A BELEZA DA VELHICE

Quando Simone de Beauvoir publicou o seu livro *A Velhice*, em 1970, acreditava que as pessoas com mais idade só se sentem velhas pelo olhar do outro, mesmo sem ter experimentado grandes transformações internas ou em seus corpos. Ela alertava para o fato de que velho não é o outro, pois cada um de nós traz inscrito dentro de si, a velhice (GOLDENBERG, 2013).

É preciso, portanto, assumir que somos ou um dia seremos velhos para que seja possível derrubar os medos, os estereótipos e os preconceitos acerca da velhice. Precisamos trabalhar para mudar a realidade em que vivemos onde os preconceitos têm-nos impedido de pensar no velho que sou hoje ou no que serei amanhã: “velho não é o outro, velho sou eu” (KERTZMAN, 2004).

Bourdieu (2007) afirmou que a relação de distinção entre os indivíduos está objetivamente inscrita no corpo que se tornou um símbolo que possui valores muito diferentes de acordo com o mercado em que se encontra. O autor defende que as atitudes corporais consideradas “naturais”, são na verdade, “cultivadas”. Aquilo que é denominado como porte, sofisticação e elegância, na verdade é a forma socialmente legitimada de apresentar o próprio corpo. Sendo assim, a falta de higiene, o simples fato de deixar que o corpo tenha sua aparência “natural”, assim como o corpo gordo, envelhecido ou “fora de forma” configura-se como um sinal de desleixo.

Contrário a essa visão estereotipada sobre a velhice, em seu livro *A Bela Velhice*, publicado em 2013, Miriam Goldenberg traz vários exemplos de brasileiros que na velhice continuam com uma boa aparência e mantêm uma vida profissional ativa e mostra que é possível ser velho e ser bonito como também pode-se ser velho e produtivo.

Portanto, ao se pensar na economia, os idosos se configuram como um crescente e promissor mercado consumidor dos bens materiais, da cultura, do lazer, da estética e dos serviços de saúde. No campo sociológico, os idosos aparecem como um emergente ator social que possui capacidade de influir nos seus destinos através de sua representatividade numérica e qualitativa, de suas conquistas de benefícios e por sua presença no cenário político. Como o idoso passa a ter um papel insubstituível na construção da sociedade, sua exclusão moral e social poderá prejudicar o projeto de futuro do país.

Dessa forma, faz-se necessário manter um pluralismo de ideias, comportamentos e atitudes para que homens e mulheres idosos possam conviver em um espaço menos

preconceituoso para seus desejos e possíveis realizações, retirando de suas testas a tarja repressora, “na qual está escrito que ser velho é colocar o pijama de avô ou o chinelinho de avó, contar histórias do passado, parar de ousar e preparar-se para a morte” (MINAYO *et al.*, 2002, p. 22-23). Na busca pela autonomia na velhice, colocar o pijama deve configurar-se como uma opção, visando o próprio bem-estar, e não uma obrigação que endossa os estereótipos do velho acamado e inútil.

No caso do filme, ele mostra que foi preciso a aceitação de si e do outro para que as mulheres pudessem vencer preconceitos e começassem a acreditar que elas ainda poderiam se considerar e serem vistas bonitas, mesmo diante da idade e da velhice aparente em seus corpos.

Apesar de as mulheres enfrentarem grandes preconceitos por posarem para as fotos, após o lançamento do calendário, que faz muito sucesso não só na Inglaterra, mas na Europa e na América, as mulheres passem por discriminação, devido à exposição de seus corpos envelhecidos. Apesar das críticas recebidas, a ousadia dessas mulheres de fazerem fotos tão lindas, com um objetivo tão nobre, ganhou repercussão mundial.

O sucesso do calendário contribui para desconstruir a imagem de que ser velho é ser feio, desproporcional e sem utilidade em uma sociedade que exalta a juventude em detrimento da velhice. Dessa forma, o filme faz jus ao que Mirian Goldenberg chama de “bela velhice” e mostra que a velhice também pode ser uma fase bonita e prazerosa. A perspectiva de Robert Brasillach de que “Cada idade tem a sua beleza” aponta para uma possibilidade bem-sucedida de romper os estereótipos ligados à velhice.

4 CONCLUSÃO

No contexto da cultura, os corpos generificados delimitam o que pode ser incorporado ao universo feminino e ao masculino. As normas que ditam o que é permitido ou proibido aos gêneros e às faixas etárias procuram retirar a liberdade de escolha dos indivíduos que vivenciam as normas e os julgamentos sociais.

Assim, o corpo da mulher passa a ser “policiado” para que não fuja a essas regras, sejam elas de comportamento, de espaço ou de aparência. Da mulher é cobrado que seja delicada, frágil e bonita. Em se tratando da mulher velha, a proibição é ainda mais acirrada, pois não é permitida a exposição do corpo que envelheceu, tornando-se, portanto, feio e sendo obrigado a se manter coberto e resguardado do olhar de outrem.

Os preconceitos contra a pessoa idosa mostram que a luta das mulheres pela tão desejada igualdade entre os sexos e respeito pelo ser humano ainda está longe de ser alcançada. Em se tratando de mulher e velha, os preconceitos e as desigualdades são ainda mais aparentes.

O filme *As Garotas do Calendário*, entretanto, mostra que a maturidade e a experiência contida na velhice podem constituir uma oportunidade para romper com preconceitos e alcançar autonomia e reconhecimento social. Como o filme foi baseado em fatos reais, se aquelas mulheres conseguiram tamanha conquista, outras também poderão alcançar, em diferentes espaços e níveis.

O filme mostra mulheres corajosas, à frente de seu tempo, que não temeram quebrar regras pertencentes a uma sociedade machista, onde o preconceito é reproduzido de uma forma inconsciente, muitas vezes, até mesmo pelas próprias mulheres.

O filme mostra que a beleza está presente em todas as fases da vida. Entretanto, para ser reconhecido pelo outro como belo é necessário, primeiramente, se perceber como belo e fugir dos preconceitos, fazendo da velhice um tempo marcado pela valorização pessoal, autonomia e autoestima.

REFERÊNCIAS

ALVES, G. **Tela Crítica: A metodologia**. São Paulo: Práxis, 2010.

BADINTER, E. **XY: sobre a identidade masculina**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

BATISTA, A. B.; LOPES, M. F.; SILVA, P. F. G.; SILVA, A. I. O. Gênero e Masculinidade: um estudo sobre a construção social do jovem militar – Viçosa/MG. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 28, Caxambu-MG, 2004. **Anais...** Caxambu-MG: ANPOCS, 2004. Disponível em: <https://anpocs.com/index.php/papers-28-encontro/st-5/st06-4/3929-batista-lobes-silva-genero/file>.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. 5 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

CRUZ, L. M. O Brinquedo e a Produção do Gênero na Educação Infantil: uma análise pós estruturalista. **Anais...** Seminário Nacional de Educação, Diversidade Sexual e Direitos Humanos. 2012. Disponível em: <http://periodicos.ufes.br/gepss/article/view/3880/3095>.

CARRIERI, A. P.; NATT, E. D. É para menino ou para menina? Representações de masculinidade e feminilidade. **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero, Ponta Grossa**, v. 7, n. 1, p. 109 - 131, jan. / jul. 2016. Disponível em: <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rflagg/article/download/7385/Artigo>.

FARIAS, R. C. P.; MINÓ, N. M. Percepção de idosos sobre núcleo de convivência: um estudo com idosos frequentadores do Programa Municipal da Terceira Idade de Viçosa/MG.

PMTI. **Congresso Internacional Interdisciplinar em Social e Humanidades. CONINTER.** 2014. v. 10, n. 3, p. 31-48. Disponível em:
<http://aninter.com.br/Anais%20CONINTER%203/GT%2010/03.%20FARIAS%20MINO.pdf>.
 Acesso em 27 jan. 2016.

_____; OLIVEIRA, K. D.; SARAIVA, C. S. **Trajetórias e memórias:** Biografia dos participantes do projeto Esta ruga tem história. Viçosa-MG: DED/UFV, 2016.

FIGUEIREDO, M. L. F. As diferenças de gênero na velhice. **Revista Brasileira de Enfermagem.** Vol. 60. n.4. Brasília. Jul/Ago. 2007

FREYRE, G. A mulher e o homem. *In: Sobrados e mucambos.* São Paulo: Global, 2003, p.177-232.

FRIEDAN, B. **Mística feminina.** Petrópolis: Vozes, 1971.

GOLDENBERG, M. Homem/Mulher o que existe de novo? *In: RIBEIRO, Marcos (org.). O Prazer e o Pensar:* orientação sexual para educadores e profissionais de saúde. Volume I. São Paulo: Editora Gente: Cores – Centro de Orientação e Educação Sexual, 1999.

_____. **A bela velhice.** 1ed. Rio de Janeiro: Record, 2013.

_____. **O corpo como capital:** Gênero, casamento, envelhecimento na cultura brasileira. Redige. Vol. 1, n. 1, 2010.

HARAWAY, D. “Gênero” para um dicionário marxista: a política sexual de uma palavra. **Cadernos Pagu** (22) 2004, pp. 201-246. Disponível em:
<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n22/n22a09.pdf>.

KERTZMAN, O. F. **Velho, é o outro!:** a experiência de envelhecimento de usuários do Núcleo de Atenção à Saúde do Idoso. Dissertação (mestrado) Programa de Pós-Graduação em Infecções e Saúde Pública da Coordenação dos Institutos de Pesquisa da Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo, 2004.

MINAYO, M. C. S.; COIMBRA, C. E. A.(Org.) **Antropologia, saúde e envelhecimento.** Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2002. 212p.

MONTEIRO, P. P. **Envelhecer ou morrer, eis a questão.** Belo Horizonte: Gutenberg, 2008.

NAVARRO-SWAIN, T. Velha? Eu? Auto-retrato de uma Feminista. **LABRYS - Estudos Feministas**, n. 4, ago-dez/2003.

PENAFRIA, M. **Análise de Filmes:** conceitos e metodologia(s). *In: VI Congresso SOPCOM,* Abril 2009. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-penafria-analise.pdf>.

SANTOS, V. B. **Os discursos masculinos sobre as práticas violentas de gênero.** (Tese de doutorado em Antropologia). Recife-PE: Universidade Federal de Pernambuco. 2013.
 Disponível em:
http://www.tesesdissertacoes.com.br/ppgaufpe/teses/2013/VB_tese_2013.pdf.

SCHIMIDT, T. C. G.; SILVA, M. J. P. Percepção e compreensão de profissionais e graduandos de saúde sobre o idoso e o envelhecimento humano. **Revista de Escola de Enfermagem**. USP, 2012.

Fonte Primária:

AS GAROTAS DO CALENDÁRIO. *Calendars Girls*. Direção: Nigel Cole. Elenco: Helen Mirren, Julie Walters, John Alderton, Linda Bassett, Annette Crosbie, Ciarán Hinds, Celia Imrie e Geraldine James. Roteiro: Juliette Towhidi. Gaumont Buena Vista International, Harbour Films, Touchstone Pictures e Universal Pictures do Brasil. 2004. 104min.

Submetido: 01/12/2016

Aprovado: 08/02/2018